

Celesc: queda de consumo e judicialização preocupam

O presidente da Celesc, Cleverson Siewert, recebeu a reportagem da **Coluna Pelo Estado** em seu gabinete para uma entrevista exclusiva. Falou das dificuldades enfrentadas em 2015 e de como a empresa vem sendo transformada desde 2011, o que ajudou não só a superar bem o ano, como ainda trouxe resultados positivos, a exemplo da renovação da concessão para a Distribuição e da conquista do leilão de Geração de energia. Para ele, conta muito para esse novo momento da companhia a postura do governador Raimundo Colombo e do vice-governador Eduardo Moreira, “que esperam somente que tenhamos uma boa gestão”. Além disso, garante, acabou o uso político da Celesc, em franco e inevitável processo de profissionalização. Apesar das inaugurações de cinco novas subestações até o final de fevereiro e de uma previsão de R\$ 450 milhões em investimentos, Siewert alerta que 2016 também será um ano difícil para o setor. Ele destaca dois motivos principais: a queda no consumo, o que leva à redução de receita, e a judicialização. “Continuamos com a nossa trajetória de busca de adequação dos nossos custos.”



Divulgação Celesc

[PeloEstado] - Como foi o ano de 2015 para a Celesc?

Cleverson Siewert - Foi mais um ano importante. E talvez o principal ponto novamente tenha sido o fato de todos os nossos acionistas estarem falando a mesma língua. Esse tem sido o mote da companhia desde 2011: todos alinhados em uma mesma perspectiva. E, basicamente, são dois os focos dos acionistas: prestação de serviço adequado para a sociedade e sustentabilidade da companhia.

[PE] - O que os acionistas esperam da Celesc?

Siewert - Isso é algo que precisa ficar claro. Tanto o governador Colombo quanto o vice-governador Eduardo Moreira, que respondem pelo Estado, acionista majoritário, esperam somente uma boa gestão. Isso faz com que todos que trabalham na Celesc tenham um sentimento de pertencimento à companhia e traz compreensão para as necessidades de mudança. As regras da Distribuição mudaram agora e seremos mensurados a cada ano. Se não cumprirmos o determinado pela Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica), podemos perder a concessão. Isso deixa a todos mais antenados.

[PE] - Acabou o uso político da Celesc?

Siewert - Nos últimos cinco anos a companhia está em um processo muito forte de profissionalização. Queremos ter os agentes políticos perto da gente, mas eles sabem respeitar a posição da empresa, que é absolutamente regulada. A busca da profissionalização está diretamente ligada aos bons resultados da empresa.

[PE] - O que marcou 2015?

Siewert - Continuamos com a busca de adequação dos custos, um ponto fundamental. Em 2011 fizemos uma mudança estatutária,

depois um plano diretor voltado para novos negócios, controle de custos e eficiência operacional, ações que se intensificaram em 2015. Para se ter uma ideia, em 2012 nós tínhamos uma diferença de custos operacionais, entre o regulatório e aquilo que a Celesc gastava, em torno de 200 milhões de reais. Em 2015, reduzimos essa diferença para 80 milhões de reais, ou seja, 60%. E em 2016 pretendemos zerar essa conta. O orçamento saiu com os custos da empresa exatamente iguais ao que o órgão regulador determina. Esse é um dos nossos desafios para o ano.

[PE] - Além disso...

Siewert - Destaco a busca da governança. Intensificamos o controle interno, a gestão de risco, lançamos a nossa Política Anticorrupção, que eu diria que foi um marco importante para a Celesc e para o Estado de Santa Catarina. Foi mais um passo na direção da transparência, uma vez que já temos um Comitê de Ética atuante. E 2015 foi marcado por alguns desafios interessantes e delicados.

[PE] - Quais?

Siewert - Queda de mercado foi um deles. Não vivemos queda de consumo de energia nos últimos 15 anos. O recuo na produção industrial contribuiu para isso, mas, principalmente no segundo semestre, o que chamou a atenção foi a queda no consumo residencial, que vinha tendo um grande incremento. Por outro lado, o setor de energia elétrica ainda está passando pelos ajustes resultantes da Medida Provisória 579 (de 2012, dispõe sobre as concessões de geração, transmissão e distribuição de energia elétrica no país, bem como a redução de encargos e tarifas do setor), com muitas mudanças regulatórias. E houve um aumento da judicialização, o que impactou na caixa das empre-

sas. Queda de consumo e judicialização são tendência ainda para 2016.

[PE] - As exigências da Aneel são justas e possíveis de serem atendidas?

Siewert - O que a Aneel está exigindo é o atendimento da sociedade de forma coerente, com custo adequado. Isso é justo e correto! E factível, mesmo exigindo adequações muito fortes. No nosso caso, como já disse, teremos que cortar 80 milhões de reais em um ano. Não é tarefa simples. E é óbvio que teremos que passar por redução com custo de pessoal. Mas penso que com bom senso e habilidade, jamais mexendo em conquistas, e sim construindo uma lógica para frente, é possível dialogar. O momento exige isso. Faz parte do nosso projeto mais um plano de demissão voluntária, ainda sem definição de metas. Quando entramos aqui tínhamos aproximadamente 3.700 funcionários. Estudamos e dimensionamos a necessidade para algo em torno de 2.800 para 2017. Hoje temos cerca de 3.300 empregados.

[PE] - Houve pontos positivos em 2015?

Siewert - Fechamos o ano com a renovação da concessão da Distribuição por mais 30 anos, processo para o qual preparamos a companhia desde 2011 e tivemos sucesso; ganhamos o leilão de Geração, mostrando que a empresa está disposta para novos negócios. Só nesse pacote, formado por cinco usinas, investimos quase 230 milhões de reais. Fora isso, assinamos um novo acordo de acionistas, entre governo do Estado e Celos (Fundação Celesc de Seguridade Social), trabalhando governança e gestão por mais 30 anos. Conseguimos, recorrentemente, auferir alguns prêmios interessantes, evoluímos em eficiência

energética e em P&D (pesquisa e desenvolvimento, a inovação está forte na companhia. Ganhamos o prêmio de *Melhor Projeto de Eficiência Energética do país*, com a ação Bônus Eficiente. No prêmio Abradee (Associação Brasileira de Distribuidores de Energia Elétrica), que congrega 63 companhias e avalia uma série de indicadores, caminhamos para a posição de nona melhor distribuidora do país em 2015, melhor resultado dos últimos sete anos. E no final do ano saiu uma reportagem da consultoria Roland Berger, considerada a mais importante consultoria do mundo em gestão de energia, apontando as 20 melhores empresas do mundo no setor, e a Celesc foi uma delas. Um ponto que também merece destaque foi a entrada do *player Angra* (Angra Partners VOLT Fundo de Investimentos em Ações), no início do ano passado, no nosso Conselho de Administração. Eles vieram com uma *expertise* muito forte do setor elétrico e do mercado financeiro, o que agregou na administração da empresa, trouxe uma visão mais aberta e mais ousada.

[PE] - Houve pontos positivos em 2015?

Siewert - O ano passado foi de preparação para a revisão tarifária, que acontece em 2016. Isso leva em conta o parque de ativos da empresa. A Celesc tem 2 bilhões de reais em ativos elétricos. Por isso, até o terceiro trimestre chegamos a 303 milhões de reais em investimentos, com Ebitda (lucros antes de juros, impostos, depreciação e amortização) de 140 milhões de reais, aproximadamente, e lucro de 30 milhões de reais. No mesmo período de 2014 chegamos somente a 250 milhões de investidos. Em novembro fechamos um total de 404 milhões de investimentos, sendo que 383 milhões no sistema elétrico e o

restante nas áreas administrativa e operacional. Para 2016 aprovamos um orçamento de 450 milhões, sendo 314 milhões só na Distribuição. E voltando a ter um investimento forte em Geração. Nós temos um Plano Diretor que, para 2016, indica 150 megawatts de capacidade de geração própria. Considerando que hoje estamos em cerca de 120 megas, temos que evoluir 30 megas.

[PE] - Para o interior de Santa Catarina...

Siewert - Vamos continuar com investimento muito forte também para o interior. Vamos inaugurar em breve cinco novas subestações, em Palhoça (Pinheira), Santa Cecília, Concórdia/São Cristóvão, Tangará e Presidente Getúlio. Ainda temos em andamento as obras de Blumenau (Fortaleza) e Florianópolis (Ingleses). As que estão prontas estão sendo energizadas e até fevereiro todas devem estar funcionando. A situação no Oeste melhorou muito e agora devemos focar nossa atenção para o Vale do Itajaí.

[PE] - Tem recursos?

Siewert - Recursos próprios e de terceiros. A própria Aneel estabelece que devemos ter uma mescla entre as duas fontes, da ordem de 55% próprios e 45% de terceiros. Obviamente que o mercado está cada vez mais difícil de ser acessado, pela condição macroeconômica do país, com taxa de juros elevada, queda na demanda por energia, perspectiva de aumento de inadimplência. Quem concede crédito considera isso tudo. Serão captações no sistema bancário mais difíceis e mais caras. Mas existe uma perspectiva interna voltada às parcerias, ou seja, utilizar os nossos ativos para organizar uma SPE (Sociedade de Propósito Específico). É uma alternativa na busca por dinheiro mais barato.